

A CONTRIBUIÇÃO DO FEMINISMO NA SOCIEDADE PATRIARCAL

THE CONTRIBUTION OF FEMINISM IN PATRIARCHAL SOCIETY

EL APORTE DEL FEMINISMO EN LA SOCIEDAD PATRIARCAL

Thamires Maia Paula Oliveira¹

Elizângela Inocência Mattos²

RESUMO: O artigo descreve como a sociedade patriarcal se identifica como forma da causa e efeito do preconceito de gênero existente na atualidade, compreendendo que o estudo do feminismo contribui para o enfrentamento ao preconceito existente em relação a mulher. Alicerçado com apoio total do Estado Capitalista, o patriarcado perpassou séculos e permanece nos campos políticos e sociais. Uma temática inadiável e fundamentadora de novas culturas e condutas, não deve ser ignorada; necessita de novas políticas, amparo e exemplo advindo do Estado, para que as transformações sejam reais. Visto que, a falta de conhecimento leva à ignorância e preconceitos, entende-se que o percurso para essa realidade se inicie com a disseminação do conhecimento adequado, de forma institucionalizada e supervisionada pela rede pública, levando aos quatro cantos do país uma educação equalizada, diversa e tipificada com seu povo, para que assim, pouco a pouco, a sociedade possa se transformar em uma nação mais respeitada.

276

Palavras-chave: Gênero. Mulheres. Opressão. Sociedade.

ABSTRACT: The article describes how patriarchal society identifies itself as a form of the cause and effect of gender prejudice that exists today, understanding that the study of feminism contributes to combating existing prejudice towards women. Founded on the full support of the Capitalist State, patriarchy has spanned centuries and remains in the political and social fields. An urgent theme that supports new cultures and behaviors, it should not be ignored; it needs new policies, support and example from the State, so that the transformations are real. Since the lack of knowledge leads to ignorance and prejudice, it is understood that the path to this reality begins with the dissemination of adequate knowledge, in an institutionalized way and supervised by the public network, taking equalized, diverse and typified education to the four corners of the country with its people, so that, little by little, society can transform into a more respected nation.

Keywords: Gender. Oppression. Society. Women.

¹Mestre em Educação – PPGE/UFT. <https://orcid.org/0009-0007-8827-2033>

²Doutora em Filosofia - UFSCAR, professora do curso de Filosofia da Universidade Federal do Tocantins/ UFT e Professora colaboradora do Mestrado acadêmico – PPGE/UFT. <https://orcid.org/0000-0002-6574-9173>.

RESUMEN: El artículo describe cómo la sociedad patriarcal se identifica como una forma de causa y efecto del prejuicio de género que existe en la actualidad, entendiendo que el estudio del feminismo contribuye a combatir los prejuicios existentes hacia las mujeres. Fundado con el pleno apoyo del Estado capitalista, el patriarcado se ha extendido por siglos y permanece en los campos político y social. Un tema urgente que sustenta nuevas culturas y comportamientos, no debe ignorarse; necesita nuevas políticas, apoyo y ejemplo del Estado, para que las transformaciones sean reales. Dado que el desconocimiento conduce a la ignorancia y al prejuicio, se entiende que el camino hacia esta realidad comienza con la difusión del conocimiento adecuado, de manera institucionalizada y tutelada por la red pública, llevando la educación igualada, diversa y tipificada a los cuatro rincones del país con su gente, para que, poco a poco, la sociedad se transforme en una nación más respetada.

Palabras clave: Género. Mujeres. Opresión. Sociedad.

INTRODUÇÃO

Esse artigo tem como objetivo demonstrar como o estudo do feminismo contribui para superar o preconceito misógino, de como sua presença nas escolas pode fomentar o intento de uma sociedade que prime pela equidade entre homens e mulheres, para que possamos refletir as causas e efeitos que originaram a ideologia patriarcal que ainda segue presente nos dias atuais.

A feminista bell hooks³ em seus livros, enfrenta em suas obras, situações em que, partindo do seu contexto para realizar os estudos de forma acolhedora, produziu relevantes conteúdos e de base para descolonizar o pensamento histórico das projeções capitalistas e escravocratas. Compartilhamos de sua tese sobre as ideias feministas estarem presentes na escola (e desde cedo), pois disso resulta a formação de indivíduos conscientes.

A literatura infantil é um dos locais cruciais para a educação feminista, para a conscientização crítica, exatamente porque crenças e identidades ainda estão sendo formadas. E, com muita frequência, os pensamentos retrógrados sobre gênero continuam sendo a norma nos parquinhos. A educação pública para crianças precisa ser um local onde ativistas feministas continuem fazendo o trabalho de criar currículos sem preconceitos. (hooks, 2024, p.46)

Assim, o conhecimento das ideias feministas e seu percurso histórico, podem contribuir de maneira efetiva para a superação da desigualdade entre homens e mulheres.

O feminismo nasce como forma de luta e resistência das mulheres que tiveram discernimento para compreender que apenas por seu gênero, sua classe foi subjugada e oprimida sem nenhum tipo de pudor ou receio, enquanto os homens deixavam o campo para

³ A autora Gloria Jean Watkins, escolheu como pseudônimo em homenagem à sua avó, bell hooks, grafado em minúscula porque é um posicionamento político da recusa egóica intelectual.

trabalhar nas fábricas, as mulheres permaneciam no campo e nos lares cuidando de seus filhos e do trabalho doméstico sem nenhum reconhecimento, afinal, trabalhar em casa era encarado como obrigação e não uma contribuição para a economia e crescimento da família. Trabalho esse não remunerado e exaustivo, sem reconhecimento, sem folga, apoio ou qualquer prestígio, além de ficar com a total responsabilidade da educação dada aos filhos.

O movimento feminista começou a ganhar força no final do século XIX e início do século XX, onde deu-se a primeira onda marcada por lutas por direitos básicos, como o direito ao voto, à educação e à igualdade de oportunidades econômicas, sociais e culturais. A classe dominante patriarcal foi planejada e articulada para que os homens não tivessem seu poder ameaçado pelas mulheres e também pelos homens que não pertenciam ao cerne dos grupos predominantes no domínio, portanto, não é difícil a compreensão de que o feminismo não somente lutava e luta pela igualdade de gênero, mas pela igualdade social.

Ao longo do tempo, o movimento evoluiu e se diversificou, dando origem a diferentes correntes e abordagens, o feminismo de segunda onda, nas décadas de 1960 e 1970, já com fortes nomes do movimento, trouxe à tona questões como a igualdade salarial, o direito ao aborto e o enfrentamento a violência doméstica. Assuntos esses ofuscados, ainda nos dias de hoje, as mulheres viveram e ainda vivem de forma subalterna ao homem, necessitando sempre provar o seu valor, seus conhecimentos e sua narrativa. A luta não cessou, se modificou, se aprimorou, mas para uma mulher, sempre foi difícil provar, por exemplo, um caso de assédio e lidar com a discriminação.

O feminismo de terceira onda, a partir dos anos 1990, enfatizou a interseccionalidade e a diversidade de experiências das mulheres, buscando incluir vozes marginalizadas, como as mulheres negras, LGBTQIAP+ e pessoas com deficiência, mais uma vez, para quem pouco pesquisa sobre o movimento feminista, é fácil chegar na visualização de que o feminismo não é luta de uma só classe, não é somente luta de mulheres, é luta de toda uma sociedade esquecida e rebaixada. A história é prova viva do quanto as mulheres foram anuladas da maioria dos acontecimentos denominados importantes para formação de concepções e meio investigativo da sociedade atual.

Os nomes omitidos e censurados foram muitos, Maria Leopoldina⁴ não teve seu nome enaltecido por ter conduzido a sede monarca durante as viagens de Dom Pedro, muito menos

⁴ Primeira esposa de Dom Pedro I, Maria Leopoldina da Áustria, foi imperatriz consorte do Brasil. A declaração da

por participar de acordos e liderar decisões na monarquia portuguesa. Marie Curie⁵ contribuiu com o prêmio Nobel de seu esposo, no entanto, não teve seu nome enaltecido por esse mérito, precisou conquistar o seu próprio. Emmy Noether⁶, teve papel essencial na álgebra abstrata, trabalhou por 25 anos sem receber salário por não ser considerada merecedora e apta para tal função;

Maria Quitéria de Jesus⁷, a primeira mulher a integrar as forças armadas do Brasil, se escondia atrás do personagem que criou: Soldado Medeiros, após ser descoberta por seu pai, foi defendida pelo comandante do batalhão que lhe deu permissão para continuar no exército. Simone de Beauvoir⁸, filósofa, intelectual, ativista e professora, teve seu nome anexado à lista negra do vaticano quando lançou o livro “O segundo sexo”, por ser ele considerado agressivo demais. Retornando ainda aos dados do Nobel, apenas 5% dos prêmios foram entregues para mulheres, algumas delas, muitos anos depois de mortas.

É importante destacar que o sistema patriarcal tem fortes raízes em Gênese, estando intimamente ligado ao cristianismo, (mais ainda na interpretação dada) e ao fundamentalismo da época da Igreja Católica, ainda num estado arcaico. Esta organização, que pode ser considerada uma das maiores já vistas, não era composta apenas por homens, mas também por mulheres que ajudaram a criar um mundo incessante de regras e valores próprios e inflexíveis.

A problemática dentro da própria classe das mulheres se desencadeia na postura de mulheres que já estavam acostumadas a estar sempre à sombra dos homens, como se levantariam? De qual forma obteriam coragem e forças para enfrentar uma classe cheia de narrativas condecoradas como a história fez sempre questão de emplacar? Em qual arquétipo poderiam se agarrar para que a narrativa se modificasse? Exatamente por esse motivo, as

Independência, em 7 de setembro, foi escrita por José Bonifácio e assinada pela Imperatriz e enviada a Dom Pedro que estava em São Paulo. (FRASÃO, Dilva, Ebiografias, disponível em: www.ebiografias.br, acesso em 2023).

⁵ Nascida na Polônia em 1867, Marie estudou química e física na França. Foi ela quem deu nome ao termo radiação e descobriu dois novos elementos químicos: o rádio e o polônio (CAVALIERI, Irene, disponível em: www.inviofiocruz.br, acesso em 2023).

⁶ Emmy Noether, nasceu em Erlangen, na Alemanha, em 23 de março de 1882, considerada como a criadora da álgebra moderna, foi uma matemática e física alemã de origem judaica, conhecida pelas suas contribuições inovadoras na álgebra abstracta e na física teórica (Por: DAFIS, Instituto de Física da UFBA, acesso em 2023).

⁷ Em 1792, no povoado de São José das Itaporocas, atualmente localizado no município de Feira de Santana, no estado da Bahia, nasceu Maria Quitéria. Filha de Gonçalo Alves de Almeida, proprietário de terras e lavrador, mudaram-se para Serra da Agulha, onde com um retorno melhor do solo, suas condições financeiras familiares melhoraram. Tem-se notícias que Maria Quitéria não possuía ensino formal e gostava de realizar, com auxílio de uma espingarda, a caça de aves e mamíferos nas propriedades da família (Por: Bruna Alves e outros, UNIFESP: 2022, acesso em 2023).

⁸ Simone de Beauvoir (Simone Lucie Ernestine Marie Bertrand de Beauvoir) nasceu em Paris, França, em 9 de janeiro de 1908 e faleceu na mesma cidade em 14 de abril de 1986, aos 78 anos. Beauvoir iniciou a publicação de seus textos literários e filosóficos durante a Segunda Guerra Mundial e, em 1945, após o fim da guerra, fundou, junto com Jean-Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty, entre outros intelectuais, a revista *Les Temps Modernes*, dedicada a temas literários e políticos (Por: Heci Regina Candiani, Enciclopédia: Mulheres na filosofia, blogs.unicamp.br, acesso em 2023).\

mulheres feministas tiveram e têm tanta relevância e importância na história da evolução das conquistas das mulheres. Disso resulta, certamente o forte julgamento e as intolerâncias com o movimento feminista, que se pôs ao propósito de libertação e luta das mulheres e das classes marginalizadas, alcançando assim o propósito de uma sociedade igualitária.

Nesse sentido, a análise considera a história do feminismo, para podermos corroborar para que as discussões e transformações necessárias ocorram de forma mais assertiva e efetiva na sociedade, promovendo perspectivas de avanço e explanação do conceito feminista de forma a amenizar a rejeição, as opressões e as negações ocorridas, para que essa discussão ocorra de maneira efetiva, necessária e libertadora tanto para as mulheres, como para os homens.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para esta escrita resulta de leituras e discussões bibliográficas dos textos advindos de escritoras e historiadoras ativistas feministas, que relatam o sistema patriarcal como forma dominante.

As leituras foram escolhidas priorizando tempos e temas diferentes para que assim a discussão obtivesse um conjunto de informações que pudessem se sincronizar no objetivo do discurso que é a liberdade e igualdade das mulheres na sociedade.

REFERENCIAL TEÓRICO/ DISCUSSÃO

O presente texto se fundamenta nas seguintes obras: “*A Criação do Patriarcado*” de Guerda Lerner, uma das autoras pioneiras nas discussões sobre a opressão do gênero feminino e a imposição do patriarcado. Lançado em 1986 em Oxford, traduzido para o português apenas no ano de 2019, é uma obra de grande relevância nos estudos de gênero, visto que, antes mesmo do nome feminismo surgir, ela já discutia as perspectivas que a agenda feminista teria como pauta nos tempos atuais.

No livro “*Independência do Brasil, as mulheres que estavam lá*”, a discussão percorre o período onde do século XVIII e as primeiras décadas do XIX, onde episódios marcantes de nossa história foram obstruídos, desde 1789, no movimento da Conjuração mineira, até as revoluções que incendiaram o Nordeste do país a partir de 1817. As narrativas desses momentos heroicos, não costumam destacar a atuação das mulheres que, mesmo impedidas de participar da

vida política, ocuparam a cena pública e avançaram corajosamente parte nesses embates por meio de diversas estratégias.

Em, “*Ensinando a transgredir*”, “*O feminismo é para todo mundo*” e “*E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo*”, de bell hooks, encontramos a questão da interseccionalidade em voga, da opressão sofrida pela mulher negra, ancorada nas experiências que narram a história dessa opressão. Com bell hooks, encontramos a história da professora, negra e *persona* viva da opressão de gênero na sua vida pessoal, acadêmica e profissional, uma obra para refletirmos a educação do século XXI e suas mínimas evoluções no que diz respeito a preconceitos e discriminações.

Chimamanda Ngozi, no livro: “*Para Educar Crianças Feministas*”, faz uma abordagem extremamente necessária e pontual, onde não se delimita apenas nas pautas de gênero e feminismo, mas na vida social e no respeito pela humanidade, sendo assim, uma obra cativante e transformadora da visão que muitos têm erroneamente do termo feminismo. Ademais, compõe a presente exposição os textos de Elsa Dorlin, Heloísa Starling e Maria Markus.

O conceito de gênero adquiriu relevância por intermédio de feministas, professoras e teóricas que desejavam a inserção e significância devida às mulheres na sociedade, no domínio público do trabalho, política, educação e outros espaços sociais. Fato este, mais antigo que a civilização, a negação da história das mulheres e a subordinação aos homens afetou estruturalmente e psicologicamente mulheres e homens. Resultado da construção e dos atributos delegados ao ser homem e ser mulher, o gênero compreende o papel desempenhado por cada um deles em uma sociedade.

Em outras palavras, o gênero cumpre perfeitamente sozinho a função de *invisibilização* das relações de poder, isto é, sua *naturalização*, cristalizando, para além das sociedades, das classes e dos séculos, um único modo de relação hierárquica entre os sexos, estável e previsível. (Dorlin, 2021, p.83)

Antes mesmo da propriedade privada e da sociedade de classes, ocorreu a apropriação da função sexual e reprodutiva das mulheres pelos homens. Estados arcaicos foram organizados no formato do patriarcado, assim, desde sempre o Estado se interessava pela permanência do modelo de família patriarcal.

A explicação tradicionalista concentra-se na capacidade reprodutiva feminina e vê a maternidade como maior meta de vida das mulheres, definindo, assim, como desviantes mulheres que não se tornam mães. Considerava-se função materna uma necessidade da espécie, uma vez que as sociedades não teriam conseguido chegar à modernidade sem que a maioria das mulheres dedicasse quase a vida adulta a ter e criar filhos (Lerner, 2019, p. 34).

Ainda de acordo com Lerner (2019, p. 108), “A opressão das mulheres precede a escravidão e a torna possível”. Partindo dessa premissa, o sistema patriarcal cria um enraizamento dessa cultura na sociedade e a alimenta para a continuidade da opressão de forma tão impositiva que mesmo quando alguma mulher tinha consciência da situação vivida, não tinha espaço e forças para lutar contra o que estava posto pelos homens dominantes. A condição inferior da mulher foi imposta, inicialmente, a força física foi usada como forma de aprisioná-las em casa enquanto o homem saía para caça, quando gestantes, a ideia de ser a melhor escolha para proteção à prole, logo em seguida, a função exclusiva do cuidado, alimentação, educação e instrução da criança. Posterior a isso, a concepção de inteligência inferior à do homem por ser ele o único a ter contado com o mundo externo, do trabalho, comércio e negócios.

A vedação ao acesso da mulher ao mundo público foi de forma enraizada na sociedade que se mantém no centro da desigualdade de gênero até hoje. Independentemente da agenda que a mulher defendesse, ela sempre era – e ainda é – alvo de uma modalidade bem definida de controle e repressão, que se valia de estratégias como a violência política de gênero, os apagamentos nos processos e de construção de memória e as distorções narrativas. O objetivo desse vasto repertório tático é mantê-las fora da cena pública e dos espaços de decisão, estancando, impedindo e desencorajando um outro futuro possível (Starling, 2022, p.30).

Na atualidade, após progressos assertivos para superar o preconceito em relação as mulheres, em todos os espaços sociais como exemplo, a institucionalização do voto, o direito a candidatura, ocupação em diversas funções profissionais, inclusive políticas, há ainda o sofrimento com a ideologia da família patriarcal, família essa que *simula* aceitar o progresso das mulheres, permitindo que elas se formem e tenham suas profissões seguidas, entretanto, somente até quando esses avanços não atrapalhem as prioridades da família patriarcal, que é ser a provedora e comandante do lar, um ser estereotipado e cobrado.

Na realidade, as mulheres nunca estiveram na prática totalmente excluídas da esfera da atividade econômica fora de casa, mas, desde o início, foram levadas a ela para um mercado de trabalho assalariado segregado. Assim é que os salários inferiores e a segregação das mulheres em número limitado de ocupações de pouco prestígio reforçaram e consolidaram ainda mais sua atribuição dentro do ‘sistema família-casa’, pelo menos como modelo desejável de prosperidade econômica e respeitabilidade social, concretizado por longo tempo na família de classe média. (Markus, 1987, p.114-115)

Os séculos se passaram, conquistas foram alcançadas, mas a sociedade continuou sua evolução com o preconceito arraigado sobre as mulheres ocuparem os espaços sociais e principalmente os espaços de poder, e não somente vindo dos homens, mas também das próprias mulheres.

O sistema do patriarcado só pode funcionar com a cooperação das mulheres. Assegura-se essa cooperação por diversos meios: doutrinação de gênero, carência educacional, negação às mulheres do conhecimento da própria história, divisão de mulheres pela

definição de “respeitabilidade” e “desvio” de acordo com suas atividades sexuais; por restrições e coerção total; por meio de discriminação no acesso a recursos econômicos e poder político e pela concessão de privilégios de classe a mulheres que obedecem (Lerner, 2019, p.272).

O conhecimento histórico do feminismo é fundamental para uma sociedade que prime pela equidade. O feminismo compreende uma luta por igualdade de gênero, mas também por justiça social e direitos humanos, inúmeras mulheres não dão a devida importância para o entendimento do motivo de tal subjugação sofrida pela classe e defendem com veemência o modelo de família patriarcal, por ser ele o defendido pelo conservadorismo e cristianismo que utilizam alusões às escrituras da bíblia que se referem à submissão e obediência da mulher, apoderando assim somente da figura do homem, descrito como o provedor, o protetor, o responsável do relacionamento.

O medo do desconhecido leva as pessoas a desenvolverem preconceitos como uma forma de autoproteção, podendo gerar estereótipos e discriminação, com isso, os grupos dominantes perpetuaram o preconceito diante da mulher, para manter seu *status* e privilégios, enquanto grupos marginalizados internalizaram estereótipos negativos devido à opressão sistemática que enfrentam.

Em “*E eu não sou uma mulher?*”, bell hooks trata da desvalorização da mulher, em especial a mulher negra, que representa uma classe historicamente silenciada dentro do movimento feminista e afetada intensamente pelo machismo. Nesse viés, a autora discorre sobre as raízes sexistas e misóginas trazidas pelos europeus na ocupação das américas e como esse fato se fez presente nos séculos seguintes, haja vista que as mulheres negras foram extremamente objetivadas e violentadas sem nenhum escrúpulo ou culpa, interpretadas como meros objetos ausentes em dignidade, humanidade e prontas para serem exploradas e servir as vontades, quaisquer que essas fossem, dos seus senhores.

Por essa perspectiva, no período de escravatura o sistema patriarcal impulsionou o ódio entre as mulheres, pois as escravizadas eram constantemente usadas como amantes e propriedade dos senhores, logo, as esposas brancas sentiam-se ofendidas e já que não podiam se impor aos maridos, usavam do seu privilégio de branquitude para atenuar suas frustrações matrimoniais e vivências opressoras.

Os líderes negros do movimento tornaram a libertação das pessoas negras sinônimo da conquista do direito de assumir o papel de patriarca, de opressor sexista. Ao permitir que os homens brancos ditassem os termos pelos quais definiram a libertação negra, os homens negros escolheram endossar a exploração e a opressão das mulheres negras. Ao

fazerem isso, comprometeram-se. Não foram libertados do sistema, mas libertados para servir o sistema. (hooks, 2022, p.286).

Tal configuração também foi notória dentro da própria organização feminista, uma vez que no discorrer das primeiras convenções pelos direitos das mulheres, as reivindicações das mulheres negras foram ignoradas e essas cidadãs, proibidas de opinar, sendo até mesmo acusadas pelas feministas brancas de desqualificarem a integridade e seriedade do movimento. Por uma visão aprofundada, essa aversão e embate étnico de revolucionárias feministas é de extremo interesse para a continuação e fortalecimento do sistema patriarcal e a configuração desigual da atual da sociedade.

Dessa forma, é imprescindível as discussões e inclusão das mulheres negras dentro do feminismo contemporâneo e o entendimento de que o inimigo em comum de toda e qualquer etnia feminina é o sexismo vigente, e, como citado anteriormente, o princípio fundamental da movimentação social pela equidade de gênero é, também uma retratação racial e a luta contra todos os estigmas impostos desde os primórdios da colonização na coletividade.

Ademais, o ponto central é compreender que o movimento feminista, a despeito de suas inserções e modificações em abordagens ao longo do tempo, constitui-se fundamental para suprimir a desigualdade entre homens e mulheres na sociedade.

Contudo, não sendo essa uma escolha homogênea, cabe-nos dar visibilidade e acesso ao tema para aquelas e aqueles que entendem que uma sociedade mais feminista também será uma sociedade mais igualitária, mais tolerante e respeitosa com todos os modelos de famílias e comunidades, direcionando as responsabilidades com igualdade independente de gênero, lembrando sempre que o (a) filho (a) gerado (a) ou adotado (a) é de responsabilidade igual dos membros da composição desta família. E certamente que o ambiente escolar é fundamental para fomentar esse trabalho de conscientização. Sendo a sala de aula o espaço para a formação de indivíduos livres de preconceitos, cabe aos professores reverem suas práticas e a adoção de ideias feministas podem fomentar a superação do preconceito e da desigualdade entre as pessoas. Isso implica necessariamente uma tomada de decisão de todo o ambiente escolar, a fim de lograr êxito nesse propósito. Em *“Ensinando a Transgredir”*, bell hooks se refere a uma educação multicultural, chamando a atenção para essa consciência

Vamos encarar a realidade: a maioria de nós frequentamos escolas onde o estilo de ensino refletia a noção de uma única norma de pensamento e experiência, a qual éramos encorajados a crer que fosse universal. Isso vale tanto para os professores não brancos quanto para os brancos. A maioria de nós aprendemos a ensinar imitando esse modelo. Como consequência, muitos professores se perturbam com as implicações políticas de

uma educação multicultural, pois têm medo de perder o controle da turma caso não haja um modo único de abordar um tema, mas sim modos múltiplos e referências múltiplas. (hooks, 2021, p.41)

Crianças não nascem preconceituosas, crianças aprendem a ser preconceituosas, assim o preconceito não é inato, mas aprendido e. Portanto, é possível desaprender e desafiar atitudes preconceituosas por meio da educação, do diálogo e da exposição a diferentes perspectivas. Se uma criança não tem convivência e esclarecimento com a diversidade, ela reproduzirá o que o meio de convívio a oferta.

A família patriarcal chega a ser um paradoxo, um modelo que se mantém por ser conceituado como convencional e correto, no entanto, não pratica a generosidade e respeito ao próximo que tanto pregam dentro de suas casas, transformando assim, suas crianças em pessoas intolerantes, racistas e machistas, por claramente se acharem melhor do que outros modelos de família.

Os estereótipos de gênero são tão profundamente inculcados em nós que é comum os seguirmos mesmo quando vão contra nossos verdadeiros desejos, nossas necessidades, nossa felicidade. É muito difícil desaprende-los, e por isso é importante cuidar que Chizalum rejeite esses estereótipos desde o começo. (Adichie, 2017, p.28).

Desde a infância, somos expostos a normas, valores e crenças que moldam nossa visão de mundo, onde a socialização desempenha um papel fundamental na formação de atitudes e estereótipos preconceituosos, transmitidos por meio da família, escola, mídia e outros agentes sociais. A mídia desempenha um papel significativo na formação de atitudes e crenças, representações estereotipadas e negativas de certos grupos podem reforçar preconceitos existentes ou criar novos, infelizmente o reforço dos preconceitos são difíceis de serem retirados até daqueles que não concordam com eles, mas acabam por acompanhá-los por entenderem ser esse o modo de funcionamento da sociedade. Por isso é digno de nota, encontrarmos, atualmente na grande mídia, protagonistas negros em telenovelas, apresentando programas jornalísticos e comentando assuntos gerais. Lugares que em um passado não muito distante eles não poderiam ocupar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sistema patriarcal foi planejado e articulado para que os homens não tivessem seu poder ameaçado pelas mulheres e também pelos próprios homens que não pertenciam aos grupos predominantes no domínio e poder. Portanto, não é difícil compreender que o feminismo não apenas lutava e luta pela igualdade de gênero, mas também pela igualdade social.

Assim, a história do feminismo nos mostra que a luta pela igualdade de gênero é contínua e necessária. É preciso avançar desafiando as estruturas patriarcais e segregacionistas trabalhando para construir uma sociedade mais justa e igualitária, onde todas as pessoas, independentemente de seu gênero, profissão e classe social sejam respeitadas e tenham garantia dos seus direitos plenos.

Compreende-se, portanto, que o medo do desconhecido leva as pessoas a desenvolverem preconceitos como uma forma de autoproteção, o que pode gerar estereótipos e discriminação.

Desse modo, citam-se dois grupos: os dominantes e os marginalizados. Um subordina o outro, pois os grupos dominantes perpetuam preconceitos para manter seu *status* e privilégios, enquanto os grupos marginalizados internalizam estereótipos negativos devido à opressão sistemática que enfrentam. Culturalmente, temos a tendência natural de categorizar e simplificar informações complexas, o que leva a generalizações preconceituosas, pois tendemos a agrupar pessoas com base em características superficiais.

É indubitável que a participação do Estado e dos educadores, seja também constante e com práticas que desenvolvam a pesquisa e aprimoramento do tema, para que assim, façam a transmissão para os estudantes e comunidade escolar. Da mesma forma, é dever de toda a sociedade, cobrar do Estado políticas públicas mais eficazes e assertivas para que o tema se instale em todas as redes escolares, como parte da formação integral dos indivíduos que ali frequentam e precisam ser representados de forma regulamentar desenvolvendo a autonomia que de seus ancestrais foram coibidas.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi: **Para Educar Crianças Feministas**: um manifesto. Tradução de: Denise Bottmann, São Paulo, Companhia das Letras, 2017.

DORLIN, Elsa. **Sexo, Gênero e Sexualidades**: Introdução à teoria feminista. Tradução de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: crocodilo/Ubu editora, 2021.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla, São Paulo: Mediafashion/ Folha de São Paulo, 2021.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução: Bhuvi Libaneo, Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2024.

HOOKS, bell. **E eu não Sou Uma Mulher?** mulheres negras e feminismo: Tradução: Bhuvi Libanio, Rio de Janeiro, Rosa dos tempos, 2022.

LERNER Gerda, **A Criação do Patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. Tradução Luiza Sellera, São Paulo: Cultrix, 2019.

MARKUS, Maria. Mulheres, Êxito e Sociedade Civil – Submissão a ou Subversão do princípio de realização. In: **Feminismo Como Crítica da Modernidade**. Seyla Benhabib e Drucilla Cornel (coord.). Tradução de Nathanael da Costa Caixeiro. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.

STARLING, Heloísa M. (org.); Pellegrino, Antônia (org.). **Independência do Brasil**: as mulheres que estavam lá: Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2022.